



AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA

>>> www.affonsors@uol.com.br

● TERÇA - FEIRA/Maria Esther Maciel ● QUARTA - FEIRA/Fernando Brant ● QUINTA - FEIRA/Marina Colasanti ● SEXTA - FEIRA/Carlos Herculano Lopes ● SÁBADO/Arnaldo Viana ● DOMINGO/Affonso Romano de Sant'Anna

Num texto do poeta Ronald Claver, vi pela primeira vez este sábio jogo de palavras: 'matemática'

Além da matemática

Umberto Eco veio ao Brasil, creio que nos anos 1980. E Mônica Rector (hoje na Universidade de North Caroline) organizou mesas-redondas com ele. Numa delas estava o romancista Ary Quintela, filho do matemático Ary Quintela, que tantos livros didáticos deixou. Mas escritor, e não matemático, ou, quem sabe, por ser filho de matemático, Ary (o filho), de repente, falou para o Umberto Eco uma coisa que ficou gravada na minha memória:

— A matemática nos países subdesenvolvidos é diferente. Aqui no Brasil, por exemplo, dois e dois são cinco.

Acho que Umberto Eco, que havia escrito sobre a obra de arte aberta e sobre a estrutura ausente, entendeu a profundidade epistemológica de tal axioma.

Acresce que nesta época ainda se ouvia na voz de Gal aquela canção: "Tudo certo como dois e dois são cinco".

Acho que o Ary estava dizendo algo mais sutil: enquanto em países como EUA e Alemanha existe uma busca da

exatidão, aqui convivemos com a inexatidão. E a inexatidão nos dá certa excitação, talvez até um gozo cívico.

Nos EUA, por exemplo, branco é branco, preto é preto. Até exageram. Sempre me lembro de um professor missionário, Mr. Smith, que foi dar aulas no Granbery, em Juiz de Fora. Para nós, brasileiros, ele era branquíssimo, na pele e no cabelo. Mas era casado com uma mulata americana, porque nos EUA ele era considerado preto.

A gente ficava escandalizado!

Estou lendo nos jornais que fizeram outro teste internacional sobre o aprendizado de matemática em diversos países. Parece que o Brasil melhorou, aumentou 35 pontos, foi o país que mais avançou nesse setor, mas continua no 58º lugar, atrás do Cazaquistão, do México e do Uruguai. À frente da Colômbia e da Jordânia.

Fui olhar um dos testes a que submeteram os estudantes. Verifiquei que



a maioria dos brasileiros errou uma questão. E tive um insight! O teste induzia ao erro. Se você é daltônico, não há como acertar, diferenciar as cores do gráfico. Talvez as pessoas não daltônicas possam ver a diferença entre as quatro cores, mas os daltônicos verão ali apenas variação de verde ou marrom.

Vejam como a variável interveniente (para usar a linguagem dos especia-

listas) pode alterar a leitura de um gráfico. Vai ver que há mais daltônicos entre os brasileiros do que supõe a vã coloração dos gráficos.

Acho que foi num texto do poeta Ronald Claver que vi pela primeira vez este sábio jogo de palavras: matemática. Claro que, ao ler essa expressão, qualquer pessoa pensa em matemática. Ou seja, Ronald estava falando duas coisas ao

mesmo tempo, só que uma era mais exposta, visível, e contrariava a outra. Referia-se à magia que se pode atingir, por exemplo, com a poesia e com a literatura.

Ou seja, a arte é o domínio em que dois e dois são cinco. Parece inexistente. Mas Da Vinci, Rembrandt ou os artistas que fazem arte cinética têm precisão assombrosa. Nada mais exato do que a inexatidão de Guimarães Rosa. Leiam, por exemplo, os quatro prefácios que ele fez para *Tutameia*. Lá ele dá uma série de definições mágicas que são de uma exatidão absurda:

"O nada é um balão sem pele."
"O nada é uma faca sem lâmina, da qual se tirou o cabo."

Ou, enfim, esta definição perfeita do que seja um telégrafo sem fio:

"Imagine um cachorro *basset* tão comprido que a cabeça está no Rio e a ponta do rabo em Minas. Se se belisca a ponta do rabo em Minas, a cabeça, no Rio, pega a latir..."

Isso é o telégrafo sem fio?
Não. Isso é o telégrafo com fio. O sem fio é a mesma coisa... mas sem o corpo do cachorro."

Perfeito. Matemática.

INSTRUMENTAL

Mestre das cordas

KIKO FERREIRA

É sintomático de um país que não distribui justiça de forma equilibrada entre seus talentos que *Varandeio*, primeiro disco solo do violonista Paulo Porto Alegre, só seja lançado agora, quando o instrumentista, compositor e ar-

ranjador comemora 60 anos de nascimento e 35 de carreira.

Solista premiado, já lhe dedicaram obras mestres do nível de Aylton Escobar e Radamés Gnattali (de quem foi aluno). Anteriormente, Porto Alegre gravou em formações como o Trio Opus 12, fundado nos anos 1970, e o

grupo Quaternaglia. O paulista atuou também como solista de algumas das maiores orquestras do mundo e excursionou com o Quarteto Brasileiro de Violões.

Entre suas obras mais conhecidas estão *Quatro sonatas*, *Doze estudos populares*, *24 estudos modais* e a *Suite brasileira*. Porto

Alegre trafega com naturalidade pelos repertórios erudito, popular, chorão e jazzístico, incluindo adaptações e arranjos para temas dos Beatles, de Ralph Towner e de George Gershwin.

Mesclando todas essas influências, *Varandeio* traz 13 composições que expressam tamanha diversidade. Sérgio Assad, com quem Paulo dividiu atenções no Quarteto Sul América ao lado de Odair Assad e Oscar Ferreira de Souza, chama de "receita bem equilibrada" a seleção do repertório.

Aberto com *Guarapari*, demonstração de técnica virtuósica e de clareza de ideias, o disco

vai do bem-humorado *Porco choro* ao ágil *Samba de Guaratiba*, com alternância de climas e intenções registradas também nas bem articuladas *Variações jazzísticas* e no curioso *Estudo blues*.

Já *Pedrinho no choro* remete à tradição do violão brasileiro de Garoto e João Pernambuco. Ao dedicar seus estudos modais ao Duo Assad, os estudos populares a Fábio Zanon e as variações jazzísticas a Alieksey Vianna, Paulo Porto Alegre demonstra estar em sintonia com o cenário atual do violão. E prova por que é considerado um dos melhores instrumentistas do país.

CHRISTIAN MALDONADO/DIVULGAÇÃO



O violonista Paulo Porto Alegre lança o disco *Varandeio*

Da cabeça de criança ou de gente já vivida. Da boa ideia vem a água e dela surge a vida.

ESTADO DE MINAS
APRESENTA:

12º PRÊMIO FURNAS
OUEROAZUL
EDIÇÃO COMEMORATIVA

Assim como água sempre traz a vida, o prêmio que reconhece os mais importantes projetos dedicados ao uso racional da água chega à sua 12ª edição. Em 11 anos, foram 60 projetos premiados com o troféu Ouro Azul. Neste ano, serão condecorados os mais bem-sucedidos projetos em atividade, reconhecendo a sua efetividade na manutenção dos nossos recursos hídricos.

OUEROAZUL.COM.BR

Realização:

Patrocínio: